

TRAGÉDIA SOBRE OS TRILHOS / O **Correio** visitou pontos de cruzamento entre vias e a linha férrea que corta o Distrito Federal. Nenhuma possui cancela e algumas estão com a pintura apagada. Uma delas fica ao lado de uma creche, no Guará

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



No local da tragédia, apenas a sinalização vertical está em bom estado de conservação. Na pista, as pinturas que indicam o cruzamento com a linha férreas estão apagadas



Logo abaixo, outro cruzamento está com a sinalização em melhor estado. Além das placas indicativas, existem sinais semafóricos e a pintura da via está conservada



Um funcionário da concessionária que administra a via férrea esteve ontem no local do acidente entregando panfletos para a conscientização de motoristas que trafegam no local

ENTRE IMPRUDÊNCIA E SINALIZAÇÃO FALHA



No Guará, próximo à colônia agrícola Águas Claras, a linha férrea está bem ao lado de uma creche. A sinalização horizontal é praticamente inexistente e há um desnível na pista



Na antiga estação Bernardo Sayão, a passagem de nível está em uma estrada de terra e apenas uma pequena porção de via separa os trens de casas que existem no local, sem qualquer proteção



O morador Diego Henrique afirma que os trens costumam passar no cruzamento que fica ao lado da creche, perto do horário de saída das crianças e com grande fluxo de automóveis

» ARTHUR DE SOUZA
» DENISE ROTHENBURG
» INGRID SOARES

No dia seguinte à tragédia que deixou uma pessoa morta e outras cinco feridas, no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), o **Correio** visitou alguns pontos onde as vias cortam a linha de trem, no Distrito Federal. Além do local onde aconteceu o acidente, a reportagem conferiu mais cinco travessias — sendo quatro no Guará e uma também no SIA.

Nelas, foi possível observar as sinalizações verticais, com placas de “pare” e outras com a frase: “pare, olhe e escute”. Porém, as pinturas nas vias estavam apagadas, principalmente no local do acidente e na passagem de nível que fica próximo ao Guará Park e bem ao lado de uma creche.

Por lá, o mecânico Diego Henrique, 36 anos, conta que, durante a semana, a travessia costuma ficar bastante movimentada, devido ao fluxo diário da unidade

educacional. “Tem dias que o vagão costuma passar por volta das 12h, que é o horário de saída das crianças e, por mais que não tenham acontecido acidentes, é muito perigoso, pelo fato de ter carros buscando elas nesse período”, alerta.

Lindalva de Carvalho, 43, mora bem próximo à passagem de nível e soube de um acidente na travessia. “A motorista não sofreu nada, mas o carro capotou e ficou com os pneus para cima. Ela falou que achava que dava tempo de passar, por isso tentou”, detalha.

Segundo ela, até mesmo os pedestres sofrem para atravessar. “Eu mesma procuro evitar. Costumo passar pelo outro lado, que não tem movimento de carros. Mas, quando estou com o carrinho de bebê, não tem jeito, tenho que passar por aqui”, ressalta.

No SIA, um funcionário da companhia que administra a ferrovia, que não quis gravar entrevista, estava entregando panfletos para motoristas que trafegavam pela região. Ele informou que a ação fazia parte de uma

campanha de conscientização, mas não quis entrar em detalhes.

Um pouco de cada

Os dois entrevistados foram unânimes em afirmar que acidentes com o de sexta-feira são causados pela imprudência dos motoristas. “O trem vem buzinando de longe. A não ser seja um pedestre surdo, não tem como não escutar que está vindo. Só se estiver muito desligado mesmo”, comenta o mecânico Diego Henrique. “Acho que tem um pouco de cada coisa, tanto a falta de sinalização quanto a imprudência dos motoristas. Também poderia ter um sinal ou uma cancela, para evitar essas travessias perigosas”, opina Lindalva.

Para a psicóloga do trânsito e pós-doutora em planejamento urbano e políticas públicas de transportes Zuleide Feitosa, no DF e no Brasil, como um todo, o condutor de qualquer veículo, de motociclista a motorista de ônibus, tem muita dificuldade de obedecer as regras de trânsito. “Isso tem que ser

internalizado na nossa vida, porque acidentes continuarão acontecendo, pois, mesmo se houvesse uma cancela, por exemplo, não há garantias de que o acidente não aconteceria”, alertou. “A cancela é só mais um dispositivo, tanto quanto as placas verticais, que são extremamente eficientes, se a pessoa estiver com atenção nelas”, destacou a especialista.

A psicóloga do trânsito ressalta que é muito alta a quantidade de acidentes que acontecem devido às distrações dos condutores, pedestres ou ciclistas. “Mais do que propriamente por culpa da via e seus artefatos, sinalizações etc. É óbvio que elas existem e contribuem significativamente, mas não há segurança se o nosso comportamento não for seguro”, pondera.

“Verificando o vídeo, é possível observar que o condutor do ônibus passou oito segundos praticamente parado na linha e se deslocando muito devagar, apesar de, nesse intervalo, o trem estar buzinando e, provavelmente, já vinha buzinando há muito mais tempo”, observa.

O artigo 212 do Código de

Trânsito Brasileiro (CTB) prevê, como infração gravíssima, a conduta de não parar o veículo antes de transpor linha férrea. Ele se relaciona à norma geral de circulação e conduta descrita no artigo 29, inciso XII, segundo o qual os veículos que se deslocam sobre trilhos terão preferência de passagem sobre os demais.

Desdobramentos

O motorista de ônibus envolvido no acidente, Pedro Domiense Campos, deve prestar depoimento na terça-feira. Ao **Correio**, o delegado-adjunto da 3ª DP (Cruzeiro), Bruno Dias, disse que há uma série de desdobramentos aguardados para as próximas semanas. “Os laudos dos exames periciais principalmente, mas todas as oitivas das vítimas que ainda não puderam ser ouvidas, além do interrogatório do motorista”, disse.

Em depoimento na noite de sexta-feira, o motorista disse que estava em um engarrafamento quando o trânsito parou “de repente em

cima da linha (do trem)” e ele foi surpreendido pelo comboio ferroviário. A delegada questionou sobre a frequência em que Domiense realizava o trajeto e ele respondeu que era a cada 15 dias. “Alegou que o veículo era velho, que esse ônibus tem mais de 10 anos e não teve força para arrancar o ônibus da linha”, segundo consta no boletim de ocorrência.

A Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) informou que quatro das seis vítimas seguem internadas no Hospital de Base. De acordo com informações da pasta, duas estão em estado mais grave e uma estaria sendo acompanhada pela equipe de psiquiatria do hospital, por estar em estado de choque. Todos os pacientes estão estáveis.

A pasta também disse que outra vítima, que foi transportada para o Hospital Regional de Ceilândia (HRC), foi atendida pela equipe médica e realizou os exames, apresentando quadro estável e sem indicação de fraturas ou sangramentos.

Dor e revolta pela morte da filha

Ao **Correio**, Ana Rosa de Albuquerque, 72 anos, mãe de Julia de Albuquerque Violato, que morreu no acidente, contou que, em nenhum momento, recebeu qualquer assistência do Governo do Distrito Federal (GDF) ou da empresa de ônibus. “Não foi um acidente, e sim uma sucessão de erros e negligência”, afirmou ela, assinalando que já constituiu advogado para processar o GDF, a Marechal e o motorista. “Só vou sossegar na hora em que estiverem todos na cadeia”, garantiu.

Ana Rosa lista vários pontos de descaso que contribuíram para a tragédia que tirou a vida da filha, de 37 anos. Primeiro, o fato de a via em que o ônibus trafegava não ter cancela com avisos para obrigar todos os carros a pararem quando os trens se aproximam do cruzamento. Segundo, a companhia

de transporte, que não treina os motoristas para essas passagens e mantém em seus quadros quem tem infrações de trânsito. Terceiro, o motorista, ao perceber que seu veículo era grande, não ter parado antes da linha férrea e esperado para fazer a travessia. “O GDF fez a obra sem se preocupar com a segurança e a empresa não estava nem aí para isso”, desabafou. Ela vai esperar o laudo da perícia para entrar com uma ação contra todos os que forem responsáveis. “Quem deixou que as coisas chegassem a esse desfecho deve ir para a cadeia, para que sirva de exemplo”, manifestou à reportagem.

O **Correio** entrou em contato com o GDF para comentar as falas da mãe de Júlia, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição. O espaço permanece aberto para eventual manifestação.

Já a Marechal informou que os “assistentes sociais e psicólogos estão comprometidos em acompanhar de perto o caso, assegurando toda a assistência necessária às vítimas e seus familiares”.

“Os rodoviários passam por treinamentos regulares, abrangendo diversos aspectos essenciais para a segurança e o bem-estar dos passageiros. Esses treinamentos incluem direção defensiva, relações humanas, primeiros socorros, e outros temas relevantes”, acrescentou.

Segundo o delegado Bruno Dias, da 3ª DP, se for o caso, o motorista poderá responder por homicídio culposo e lesão corporal (no caso dos feridos), previstos no Código de Trânsito. A pena é de detenção, de dois a quatro anos, e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor. A

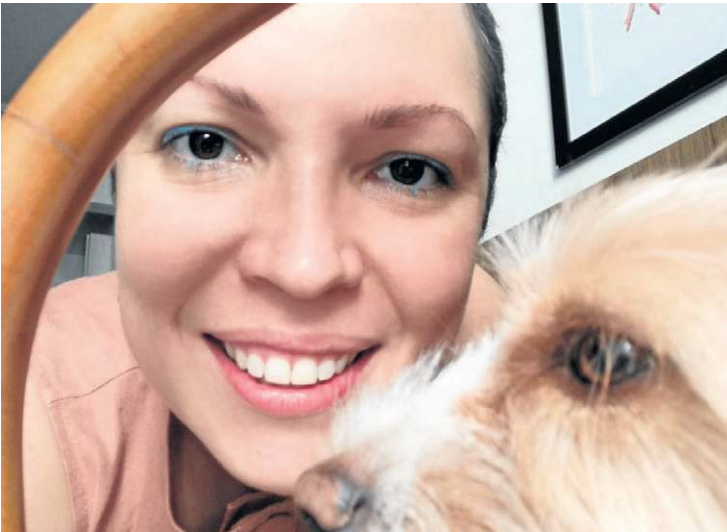
pena pode ser majorada por ser profissional de coletivo.

“No homicídio culposo cometido na direção de veículo automotor, a pena é aumentada de um terço à metade, se a pessoa no exercício de sua profissão ou atividade, estiver conduzindo veículo de transporte de passageiros. Ou seja, se for configurado, pode pegar de dois a quatro anos e aumentada de um terço à metade a cada vítima que falecer”, complementou.

Sem voltar para casa

Julia de Albuquerque era formada em artes plásticas pela Universidade de Brasília (UnB). “Ela estudava para concurso público e trabalhava como fotógrafa. Morou durante dois anos na Alemanha, estudou na Universidade de Siena, na Itália, e morou um ano na

Arquivo pessoal



Julia era artista plástica formada pela UnB e estudou fora do país

Inglaterra”, detalhou a mãe, orgulhosa. As duas moravam juntas, na Asa Norte. Ana Rosa soube, após o acidente que ela tinha passado em um concurso na Secretaria de Planejamento do DF.

Na sexta-feira, Julia foi

a Taguatinga se encontrar com uma amiga. Como estava sem carro, pegou uma condução para retornar ao Plano Piloto. Pela imprensa, Ana Rosa recebeu a pior notícia de sua vida. A caçula não retornaria para o lar.